

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

LEONARDO LAZCANO DA LUZ

**O TURISMO E SUAS CONTRADIÇÕES: DA SALVAÇÃO À
FLAGELAÇÃO**

Florianópolis, 2011

LEONARDO LAZCANO DA LUZ

**O TURISMO E SUAS CONTRADIÇÕES: DA SALVAÇÃO À
FLAGELAÇÃO**

Monografia submetida ao Curso de Ciências
Econômicas da Universidade Federal de Santa
Catarina, como requisito obrigatório para a
Obtenção do grau de Bacharelado

Orientador: Helton Ricardo Ouriques

Florianópolis, 2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

A Banca Examinadora resolveu atribuir a nota 8 ao aluno Leonardo Lazcano da Luz na disciplina na disciplina 5420 – Monografia, pela apresentação deste trabalho.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Helton Ricardo Ouriques

Prof. Dr. Hoyêdo Nunes Lins

Profa. Dra. Patrícia Fonseca Ferreira Arienti

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, antes de dar início a este trabalho, gostaria de deixar o registro de agradecimento a todas as pessoas importantes no processo que me fez chegar até aqui, bem como as entidades despersonalizadas, que contribuíram para a minha educação.

Sendo assim, agradeço principalmente à minha família por toda a base educacional e moral que me foi transmitida. À minha mãe, Teresa Elisabeth Lazcano da Luz por todo o carinho e amor maternal incondicional; por me estimular nos momentos difíceis de transição, durante o exigente período de adaptação, vindo de uma cidade pequena como São Francisco do Sul para os estudos em Joinville; por sempre me cobrar por saber que eu poderia render mais, e não deixar eu me contentar com pouco; e muitas outras de maior ou menor relevância, mas que não serão esquecidas. Ao meu pai Joaquim Nascimento da Luz, não só pelo financiamento dos meus estudos, mas pelas conversas amigas; por sempre estar buscando o melhor pra mim, inclusive agora que está conseguindo se inserir aos poucos no mundo virtual, e vem me falar de certas novidades. Ao meu irmão André Lazcano da Luz, por ser mais que um irmão e um amigo, por todos momentos de companheirismo e compreensão.

Ao meus amigos, os que se criaram comigo durante a adolescência em Joinville, os quais discutimos muitas teorias acadêmicas em mesa de bar. E aos que tive o imenso prazer de conhecer durante a universidade, que mesmo cada com suas diferenças nos unimos durante os árduos momentos de estudo de fim de semestre.

Aos professores do curso de Ciências Econômicas, por me transmitirem estes valiosos conhecimento que ponho em prática, e que durante momentos conturbados do curso, conseguiram propor melhorias ao mesmo.

Agradeço também aos técnicos auxiliar - administrativos, que não tendo seu devido reconhecimento, merecem ser lembrados, e ter seu trabalho prestigiado.

Agradeço, por fim ao meu amado Brasil, que apesar de nossos gigantes problemas, ainda pode proporcionar (infelizmente apenas para alguns) um ensino público, gratuito e de qualidade.

*Observei as culturas de todos os tempos
sopraem ao redor da minha morada e outros
ventos espalharam as sementes da paz, pois a
viagem é a linguagem da paz.*

Mahatma Gandhi

RESUMO

DA LUZ, Leonardo Lazcano. **O Turismo e suas Contradições:** da salvação à flagelação. Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

Esta pesquisa tem como objeto central de estudo a investigação crítica acerca do setor turístico e suas implicações sócio-econômicas e ambientais. Tendo em vista principalmente, o seu caráter paradoxal no sentido da grande importância para a economia de uma região, sendo apontado como a tábua de salvação por muitos governantes e apologistas de plantão. Por outro lado, observa-se que apesar deste poderio econômico, boa parte dos benefícios recaem aos capitalistas, restando aos trabalhadores o subemprego – mal remunerado, sazonais, e de baixo prestígio social. Em grande parte compostos por autóctones, estes veem sua terra natal desvirtuar-se para agradar e submeter-se aos interesses do capital. Para isso, vem à tona a importância deste trabalho para contribuir com debate acadêmico, e quem sabe, mudar este nefasto panorama que o desenvolvimento do turismo vem proporcionando.

Palavras-chave: turismo, autóctones, desenvolvimento sustentável.

ABSTRACT

This research has as the main study object a critical investigation about tourism and its social economic and environmental relations. Mainly due to its paradoxical aspects in terms of its great importance for the one region economics, being pointed as the lifeline by most governments and 'advocates call'. On the other hand, it is observed that in despite of this economic power, the major benefits of tourism fall over to the capitalists, remaining the underemployment to the work class – the bad wages, seasonal, and low social prestige. Largely composed by locals, the workers see your homeland misrepresenting itself to please – and to be submitted to – the capital. For such reason, the importance of this work comes up, which is to contribute to the academic debate, aiming to change this nefarious scenario that tourism development has provided

Keywords: tourism, locals, sustainable development.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CFC** - Cloro-fluor-carbono
- OMT** - Organização Mundial do Turismo
- ONU** - Organização das Nações Unidas
- PIB** - Produto Interno Bruto
- UE** - União Europeia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Tema e problema	10
1.2 Objetivos	11
1.2.1 Objetivo Geral	11
1.2.2 Objetivos específicos	12
1.3 Justificativa	12
1.4 Metodologia	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 Conceitos	14
2.2 Evolução histórica	16
2.3 Correntes teóricas	18
2.3.1 A corrente liberal	19
2.3.2 A corrente do planejamento estatal	20
2.3.3 Os pós-modernos	20
2.3.4 Os críticos	21
3 A DIMENSÃO E OS IMPACTOS DO TURISMO	24
3.1 Impactos político-econômicos	24
3.1.1 Os grupos de interesse e as influências políticas	27
3.1.2 O turismo e o mito do desenvolvimento	28
3.2 Impactos sócio-culturais	31
3.2.1 A relação turista-residente	32
3.2.2 Alteração do estilo de vida dos autóctones	34
3.2.3 A condição dos trabalhadores	36
3.3 Impactos Ambientais	38
3.3.1 Capacidade de carga	39

3.3.2 Turismo sustentável ou auto-sustentado.....	41
4 OS CAMINHOS DO TURISMO	44
4.1 Turismo de massa	44
4.2 Turismo alternativo	47
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
5.1 Conclusões	50
5.2 Recomendações de estudo	51
REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

O surgimento do turismo como um fenômeno econômico e social, do modo como entendemos hoje, é um conceito totalmente moderno, o qual só veio a se desenvolver a nível global, a partir da segunda metade do século passado, com o fim da II Guerra Mundial. Contudo, deve-se ter em vista que essa intensa difusão do turismo englobou apenas os países centrais da economia, como emissores de turistas, uma vez que eles é que dispunham de recursos – tempo livre e dinheiro – para a realização das viagens. E foi através de reformas sociais de caráter trabalhista que se tornou possível ao trabalhador, finalmente, obter algo tão importante para o indivíduo e que até então poderia ser visto como supérfluo, o lazer.

Analisando a linha do tempo nota-se que ao longo da história, o homem, de fato, sempre viajou. Ainda que a maioria destas tenha ocorrido a fins exclusivamente comerciais, de expansão territorial, ou mesmo para subsistência, houve quem se dispôs a viajar por puro divertimento, no entanto, indevido seria classificá-las como turismo, segundo Ouriques (2005, p. 28) o fato social turismo é uma criação moderna, é produto do desenvolvimento da modernidade capitalista.

Não obstante seja um fenômeno recente, seu estudo não se restringe às últimas décadas. Havendo autores que desde a antiguidade escreveram sobre temas relacionados, ou mesmo relatos históricos de acontecimentos que se assemelham a uma atividade turística. A partir de uma visão ampla do tema, será focado primeiramente as características e particularidades que envolvem o turismo, para que em seguida se possa discutir criticamente seus mitos e contradições.

1.1 Tema e problema

A partir das premissas e conceitos básicos que norteiam o setor do turismo, será então, analisado, como o setor realmente se relaciona com a sociedade. Principalmente no que tange ao trabalhador, que em tese, deveria ser o principal beneficiado com o incremento da atividade turística dentro de uma região, o que na realidade não se comprova. Por isso deve-se ter cautela, ao idealizar no desenvolvimento do turismo, como a rota de

fuga para o crescimento econômico com equidade social, para Nascimento e Soares (2006) a indústria do turismo é apresentada com grande euforia para a população e o poder público como meio inequívoco de crescimento econômico e dissolução das desigualdades. O que ao observar dados sobre renda e condição de vida dos trabalhadores que sustentam a atividade turística, o resultado é que estes trabalhadores estão entre os que possuem um nível salarial dos mais baixos.

Levando em conta a rápida expansão do setor nas últimas décadas, e que apenas em 2010 o turismo internacional registrou, segundo a Organização Mundial do Turismo, a chegada de quase um bilhão de turistas, e cerca de novecentos bilhões de dólares, é fácil observar a sua importância para a economia mundial. Dados estes fatos acerca do segmento turístico, que esta pesquisa científica vem à tona. Será então desmistificado aqui o seu caráter falacioso de ser a salvação para o desenvolvimento econômico, observando os seus efeitos sob um panorama geral tanto a nível nacional, como internacional. Em seguida, será elucidado, dois modos antagônicos de turismo, na tentativa de apontar modo mais benéfico de prática turística. Assim, através de um sólido embasamento teórico será investigado a fundo as particularidades deste singular setor da economia, e com a coleta de dados característicos será atestado a prática à teoria.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar o setor do turismo de modo crítico, acerca de suas características específicas e suas contradições. No que diz respeito ao seu ideal, visto como um importante meio de se alcançar o desenvolvimento econômico e social, e por outro lado ser uma atividade econômica que apresenta intrinsecamente um comportamento nefasto, à região receptora do turismo

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Investigar o setor do turismo, e suas particularidades a respeito das relações com o trabalhador e o meio ambiente;
- b) apontar os efeitos causados pelo turismo, e suas possíveis consequências;
- c) analisar alguns modos particulares de prática turística;
- d) elucidar a relação que o desenvolvimento do turismo implica às comunidades receptoras.

1.3 Justificativa

Sendo o turismo um setor dos mais dinâmicos e importantes para a economia mundial, não só pela significância que representa ao balanço de pagamentos, com a entrada de divisas, mas também por refletir sob um aspecto geral a imagem que um país venha a ter no cenário internacional. Um aprofundado estudo sobre o tema vem à tona, para não só poder entender suas especificidades, assim como algumas contradições inerentes a este segmento.

O seu surgimento mostrou-nos uma capacidade única de aproximar povos tão díspares e de realidades diferentes, de modo que assim possa haver uma coexistência pacífica e benéfica a ambos, e não o contrário. Sob esse intuito será discutido, então, criticamente o comportamento apresentado nos últimos anos pela atividade turística, observando alguns indicadores e relatos empíricos dos impactos decorrentes dos avanços desta atividade com tanto potencial a realizar o bem e a satisfação pessoal.

1.4 Metodologia

Como método de trabalho adotado neste trabalho, será realizado inicialmente, um levantamento bibliográfico das mais variadas correntes de pensamento que debatem

acerca do tema do turismo e suas devidas conseqüências para a sociedade moderna. De modo que, possa ser analisado criticamente este setor de tão grande importância econômica e social atualmente.

Partindo-se do todo para o específico será desenvolvido este trabalho. Com a pretensão de iniciar com os conceitos e premissas básicas em que se sustentam a atividade turística, serão coletados informações junto a sítios de organizações nacionais e internacionais em turismo, tais como o Ministério do Turismo e a Organização Mundial do Turismo, respectivamente. Para em seguida, expor as questões em pauta no debate acadêmico que merecem maior atenção. Apesar de que grande parte da bibliografia a que este trabalho se referencia, datam de mais de duas décadas, tem-se que em grande maioria tratam-se de obras teóricas atemporais, que serão analisada conforme a conjuntura e informações atuais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Sendo o turismo um produto da indústria moderna, a literatura que discute acerca desta temática é relativamente recente. Será então, explanado neste capítulo as principais ideias das diferentes correntes teóricas que discutem o desenvolvimento do turismo nos últimos anos. Levando-se em conta a recente evolução tecnológica, observa-se ainda como esta atividade foi alterada desde os seus primórdios. Tido como um setor extremamente dinâmico e em rápida evolução muitas são as controvérsias que os cientistas sociais criam entre si, surgindo diversas correntes de pensamento dentro do debate. Cabe aqui desvencilhar as principais contribuições e falhas de determinadas concepções teóricas.

Para introduzir as grandes contribuições para o que podemos chamar de turismo hoje, primeiramente, na próxima sessão será revisto as principais definições e conceitos que norteiam a atividade turística de acordo com as instituições internacionais. Em seguida, será investigada a linha histórica do que viria a ser os primórdios e origens desta atividade, da antiguidade à contemporaneidade. Por fim, uma visão panorâmica das diferentes correntes de pensamento que discutem a temática do turismo nas ciências sociais.

2.1 Conceitos

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e suas decorrentes instabilidades político-sociais, muitos foram os meios utilizados na tentativa de uma regulação e promoção de certos mercados internacionais. A Organização Mundial do Turismo surge destas necessidades, sua origem, contudo, remonta ao *Congresso Internacional de Associações Oficiais de Tráfego Turístico*, realizado em 1925 na cidade de Haia, Holanda. E que logo após o fim da guerra transformou-se em uma organização não-governamental de grande abrangência, mas só em 1974 veio a ser a OMT como a conhecemos atualmente, sendo um órgão intergovernamental visando à promoção do desenvolvimento de um

turismo responsável, sustentável e universalmente acessível, prestando particular atenção aos países em desenvolvimento¹.

No entanto, não apenas pela sua importância no que tange às políticas de desenvolvimento do turismo que sua influência vem a ser primordial para a expansão da atividade turística. Mas também facilitou o seu estudo ao classificar certos conceitos inerentes ao setor. A fim de um melhor entendimento do que realmente é compreendido pelo conjunto de atividades relacionadas ao turismo, a OMT elaborou um glossário básico, a saber, as principais definições:

Turismo – um fenômeno social, cultural e econômico que implica no movimento de pessoas para países ou regiões fora do de seu *enquadramento habitual*, seja para fins recreativos, de negócios ou outros. Estas pessoas são chamadas de *visitantes*, e o turismo está relacionado com suas atividades, as quais implicam em um *gasto turístico*;

Visitante – é toda a pessoa que se desloca temporariamente para fora da sua residência habitual, quer seja no seu próprio país ou no estrangeiro, por uma razão que não seja a de aí exercer uma atividade remunerada. Podendo ser turista ou excursionista:

Turista – é todo o visitante temporário que permanece no local visitado mais de 24 horas;

Excursionista – é todo o visitante temporário que permanece fora da sua residência habitual menos de 24 horas;

Residência habitual – de uma pessoa, conceito chave em turismo, se define como a zona geográfica (embora não necessariamente contíguos) em que um indivíduo realiza suas atividades cotidianas habituais;

Turismo emissor – resulta das visitas de residentes de um país a outro(s);

Turismo receptor – engloba as visitas a um país por não residentes;

Turismo internacional – abrangem as viagens que obrigam atravessar uma ou mais fronteiras, ou seja, consiste em um turismo receptor adicionado ao turismo emissor.

O avanço das áreas de influência das instituições nacionais e internacionais vem contribuindo para fornecer uma maior solidez à análise da evolução do turismo nos

¹ OMT, <http://media.unwto.org/en/about/unwto>, [tradução livre]

últimos anos, principalmente pela grande base de dados e pesquisas aplicadas em turismo. Na era da informação, esta se torna imprescindível para acompanhar o modo e a intensidade que vem sendo realizado em determinadas regiões ou país, e mesmo a nível global. Dentro do Brasil temos a EMBRATUR, que além das pesquisas mencionadas (Anuário Estatístico de Turismo) “é responsável pela execução da Política Nacional de Turismo no que diz respeito à promoção, marketing e apoio à comercialização dos destinos, serviços e produtos turísticos brasileiros no mercado internacional²”. Em âmbito transnacional há a OMT, que embora enviesada para os países centrais do sistema, apresenta em contrapartida, projetos de integração social na periferia. Estes processos de pesquisa técnica e científica, entretanto, são extremamente recentes, acompanhando a importância que esta atividade foi adquirindo no decorrer do século passado.

2.2 Evolução histórica

Tendo em vista a vocação do homem para buscar por novos horizontes, a qual sempre imperou nas grandes descobertas e inventos nos séculos passados, pode-se constatar que o homem sempre se deslocou. Muito embora muitas dessas viagens nada tinham que ver com o turismo *per se*, houve quem se dispôs a viajar por puro deleite, de ricos aristocratas a aventureiros desgarrados. Ainda que fosse demasiadamente cedo para defini-las como turismo pode-se observar aí, os primórdios de uma indústria nascente. Da antiguidade aos dias de hoje, registros não faltam de viagens estimuladas pura e simplesmente pelo lazer.

Os primeiros a que se tem notícia nos remetem aos tempos da Grécia Antiga e do Império Romano. Em ambos os casos, dava-se grande importância ao tempo livre. De um lado, os gregos estimavam muito a diversão, a cultura, a religião e os esportes, sendo as olimpíadas o grande destaque, que impulsionava milhares de pessoas a se deslocarem à cidade de Olímpia, sede dos jogos. Os romanos, por sua vez, eram grandes admiradores de espetáculos como o teatro, e também muito frequentemente dirigiam-se

² Ministério do Turismo, <http://www.turismo.gov.br>.

à costa ou a fontes de água termais, possibilitado em grande parte pela *Pax Romana*, o desenvolvimento de vias de tráfego e a prosperidade da época.

No entanto, ao fim destes períodos hegemônicos, o que se viu durante a Idade Média, época marcada por grandes conflitos e a corrida pela expansão marítima, foi um retrocesso na intensidade das viagens motivadas pelo lazer – exceção feita às peregrinações religiosas. Para apenas em meados do século XVII voltar à tona, com o chamado *Grand Tour* – deste, surge a etimologia da palavra turismo, derivando de *tourisme* e *touriste*, termos cunhados na França – uma espécie de rito de passagem dos jovens aristocratas ingleses após concluírem seus estudos. Estes viajavam por longos períodos, a fim de um enriquecimento cultural, em busca das artes, aperfeiçoamento dos dotes linguísticos, e outras finalidades apreciadas pela alta sociedade da época. A partir de então, o termo turista começa a ser adotado para viagens sem fins lucrativos, de cunho recreativo, embora mantivesse como uma forma de aprendizagem, e não apenas por puro capricho. Mais tarde este costume se estendeu a outras partes da Europa e inclusive, na América, porém perdurou até a primeira metade do século XIX, quando houve uma grande expansão do transporte ferroviário.

Se por um lado as ferrovias contribuíram para o fim dos *Grand Tours*, por outro, juntamente com o transporte naval, foram os maiores catalisadores para o aumento no fluxo de circulação de pessoas. Graças às tecnologias criadas com a Revolução Industrial, tendo na máquina a vapor seu carro chefe. Disponibilizados os meios para a realização das viagens, precisar-se-ia de um estímulo para a promoção das viagens, o qual veio inicialmente, com Thomas Cook. Considerado o primeiro agente de viagens que se tem notícias, ao organizar uma viagem para mais de quinhentas pessoas para a cidade britânica de Loughborough, apesar de seu posterior fracasso nos negócios, foi um grande difusor das viagens em grupo, configurando-se como os primórdios do turismo de massa. Assim, até o fim do século XVIII não faltaram expoentes para ajudar a alavancar a atividade turística. Não só compostos por personalidades, como também pelo avanço da tecnologia e estrutura de transportes, e a expansão do capital internacional.

Foi, contudo, no século passado que o turismo pôde dispor das bases para o seu intenso desenvolvimento. Não é necessário lembrar o quanto este foi um período marcado por grandes acontecimentos, e mudanças sob todos os aspectos político-econômico-sociais.

De modo que, passando pela grande onda de instabilidades da primeira metade do século, poderia usufruir das condições necessárias para se difundir a nível internacional. E assim o fez. Somente após a II Guerra Mundial, que se viu este fenômeno aparecer de modo tão intempestivo. Possibilitado, entre outras, pela redução da jornada de trabalho, instituição das férias, e outros ganhos sindicais por parte dos trabalhadores. Dotando então, de um maior tempo livre, e dinheiro foi dado a estes, o estímulo necessário para viajar.

2.3 Correntes teóricas

A produção científica relacionada ao tema do turismo, apenas nas últimas décadas que começou a se desenvolver com maior intensidade, e ainda vem amadurecendo consideravelmente devido a inúmeras contribuições acadêmicas. De artigos e monografias, a teses e publicações mais aprofundadas em certas áreas. Analisando tais contribuições, não é difícil notar as diferentes ideologias e os caminhos trilhados pelos cientistas sociais. Será, então, discorrido aqui um apanhado geral das principais concepções teóricas que debatem sobre o turismo, e temas sub relacionados.

De início o que se pode observar nitidamente é uma distinção entre aqueles que tentam enxergar o turismo como a salvação de muitas economias e para isso acreditam na necessidade de que haja um melhor aproveitamento dos ‘recursos’ naturais e humanos, e os que apresentam uma visão mais crítica sobre o tema. Dentre os primeiros, podemos incluir a corrente liberal, de caráter estritamente economicista; e a corrente dos que crêem no planejamento estatal para alavancar a atividade turística. Em seguida, temos a corrente pós-moderna, que sob muitos aspectos se contradizem, e acabam se dividindo entre análises mais críticas e outras de cunho pró-capitalista. Por fim, há a corrente crítica, que como bem definiu Ouriques (2005), enfatiza veementemente os aspectos do consumo e produção destrutivos da atividade turística, ou seja, o outro lado da moeda que determinados comportamentos que acompanham o turismo podem provocar tanto ao meio ambiente e urbano, quanto no próprio ser humano.

2.3.1 A corrente liberal

Fazendo uso das concepções teóricas dos economistas neoclássicos, os pesquisadores da corrente liberal, analisam o tema de modo similar a outros segmentos de mercado, através do equilíbrio entre oferta e demanda, da estimativa de propensão a consumir do multiplicador, da satisfação das necessidades dos consumidores, etc. De acordo com a pesquisa de Ouriques (2005), como principais teóricos liberais para o turismo no Brasil, podem ser inseridos, Lage & Miloni, Lemos, Beni e Petrocchi, e adiciona que, de fato, estes aplicam rigorosamente os preceitos neoclássicos, e vêem a natureza como um dos fatores de produção do turismo, juntamente com o capital e o trabalho. Dentro desta ótica economicista surgem alguns estudos para um aproveitamento sustentável do turismo, por um lado, na tentativa de conciliar um fluxo crescente da entrada de capitais, e manter ainda um equilíbrio ecológico. E o ótimo aproveitamento econômico destes ‘recursos naturais’, por outro. Ao crer na necessidade de que haja uma infraestrutura adequada para a realização das necessidades ilimitadas dos turistas, as quais devem ser fomentadas pelo Estado. Em contradição com as necessidades básicas dos autóctones que são, simplesmente, esquecidas.

Torna-se clara então, a posição nitidamente empresarial adotada por estes teóricos, que enxergando o turismo como uma indústria, como mais um setor da economia, a maximização dos lucros deve continuar a ser perseguida. O que eles não vêem, ou, parecem não querer ver, é às custas de que/quem estes objetivos devem ser alcançados? Creem que para um ótimo aproveitamento do turismo é necessário que todas as mordomias da vida moderna sejam implantadas a fim de proporcionar o conforto do turista, tais como água potável (e quente), saneamento básico, vias de acesso, estacionamento, serviço hoteleiro bem desenvolvido, etc. Para isso, realizam duras críticas ao Estado, principalmente, pela falta de alguns investimentos no setor, e pelo excesso de regulamentação e impostos em geral, e consideram estes fatores como um impedimento ao progresso do setor.

2.3.2 A corrente do planejamento estatal

A partir de uma premissa estipulada por muitos autores, e mesmo pela mídia, de que o Brasil, apesar de possuir as regiões mais ricas em biodiversidade do Planeta, ainda não conseguiu apresentar uma imagem turística condizente com esse potencial (Coriolano, 1998, p.10, apud Ouriques), é que os defensores do planejamento estatal se baseiam. Muito embora a situação do Brasil venha melhorando nos últimos anos, ainda se acredita para estes teóricos, que o atraso do desenvolvimento do turismo receptor brasileiro, de modo eficiente e sustentável, só poderia ser revertido caso fosse controlado e planejado pelo Estado.

Fazendo uso do tema da sustentabilidade estes teóricos mostram uma maior preocupação com a comunidade receptora, porém em muitos casos esta se torna deturpada. Uma vez que o discurso adotado está mais em prol do limite para a exploração dos *recursos naturais*, a fim de não se autodestruir, do que uma real preocupação com os impactos ao meio ambiente e seus habitantes. Como por exemplo, Cruz (2002, p.4) elucida, que somente por meio do planejamento e da política pública poder-se-á minimizar os possíveis efeitos indesejados do turismo sobre os lugares, maximizando-se, simultaneamente, seus efeitos desejados. O que se evidencia, por um lado, que mais uma vez a maximização dos lucros esta no cerne da questão. E por outro, que caberia ao Estado realizar estudos e políticas públicas de planejamento para que as atividades turísticas possam se desenvolver de maneira sadia. Deste modo, pode-se ver a crítica ao Estado como discurso dominante desta corrente, a favor de que este deveria se fazer mais presente não só como o responsável por conduzir políticas públicas de incentivo ao turismo, mas também por financiá-lo. E o capital privado, sem participação nos riscos, colheria apenas os benefícios.

2.3.3 Os pós-modernos

Já os pós-modernos, apresentam muitas de suas ideias semelhantes a autores de outras concepções teóricas, tais como a defesa do planejamento do Estado e crítica por sua

ausência no setor; defesa da Natureza, por essa ser o principal *recurso* do turismo; creem que os capitais devem ser direcionados ao turismo, etc. Mas a sua particularidade que os distingue reside no fato de apresentarem argumentos contraditórios e díspares, bem exemplificado em Ouriques (2005, p.78) ao mesmo tempo em que defendem a sustentabilidade, vêem a paisagem como recurso turístico; ao mesmo tempo em que se preocupam com as “comunidades receptoras”, culpam-nas pela degradação ambiental/cultural. Entre seus principais representantes podem ser citados Rodrigues, Yázigi, Moesch, e Godoi Trigo.

De modo geral pode-se observar como estes autores, de fato se preocupam com as consequências nefastas que o desenvolvimento da atividade turística pode acarretar em uma determinada região, contudo depositam suas esperanças que este desenvolvimento serviria inclusive para alavancar a economia, e melhorar – a nível de renda – a qualidade de vida dos residentes, bem como as condições de infra-estrutura turística a serem ofertadas aos turistas. Considerando então, o modo como o turismo vem sendo praticado estas situações acabam se confrontando, e do mesmo modo, alguma de suas ideias.

2.3.4 Os críticos

Os críticos, por sua vez, serão os primeiros a questionarem este caráter intrinsecamente benéfico que muitos autores, governantes, e mesmo a sociedade atribuem ao desenvolvimento do turismo. Apontando sob diversos aspectos o que este venha a impactar nas comunidades autóctones, no meio ambiente e urbano, e tudo o mais que se encontra envolvido às suas particularidades.

Obtêm grande êxito ao conseguirem se desvencilhar de alguns mitos, tais como a crença no turismo como sendo uma indústria sem chaminés, capaz de promover um desenvolvimento sustentável e auto sustentado, no entanto, como bem expôs Rodrigues (1997a)

...a atividade turística é, na própria essência, incompatível com uma idéia de desenvolvimento sustentável. A atividade turística não é compatível sequer com a noção de desenvolvimento auto-sustentado porque dirige o consumo aos lugares exóticos, transformando-os para serem

comercializáveis, nos padrões de conforto e qualidade de vida do mundo moderno, retirando, portanto ao longo de um curto espaço de tempo a característica de exótico. Como atividade econômica sua sustentação está pautada na contínua descoberta de paisagens naturais e históricas de novos lugares exóticos que são rapidamente transformados para serem consumidos (p. 49).

Ora, o turismo, assim como as outras indústrias da economia, sobrevive a partir da produção de mercadorias, ainda que sua atuação ocorra de um modo mais singular, não pode ser considerada uma atividade de serviços. Uma vez que, como a própria autora elucida, a atividade turística produz territórios e espaços para serem comercializados, e em seguida visitados pelos turistas, de modo que acabam por transformar a natureza em mercadoria-paisagem. Soma-se a isso toda a gama de bens e serviços consumidos intensamente por estes, e onde irão parar as suas sobras, a saber: os *souvenirs*, alimentos, refrigerantes, cerveja, os serviços de transporte e hotéis – os quais emitem CFC através do ar-condicionado, refrigerador, etc – enfim, toda uma cadeia de produção que não pertence àquele lugar, não foi lá produzido e nem por eles serão apropriados os lucro e salários.

Justamente nesse ponto, que recai a grande maioria dos argumentos pró-turismo. Por ser este um setor de grande importância para a economia, capaz de tirar certas localidades do subdesenvolvimento, ao promover emprego e renda à população. De fato, hoje em dia esta atividade econômica já se configura entre as que mais crescem e movimentam capitais ao redor do mundo. No entanto, o importante a analisar é nas mãos de quem se concentram o maior volume destes. Uma vez que os salários dos trabalhadores do turismo estão entre os mais baixos – garçons, camareiras, guias turísticos, recepcionistas – e ainda apresentam um desvirtuamento de suas funções originais, que em muitos casos ocupavam trabalhos autônomos, como pescadores e artesãos, que tiveram que se moldar à indústria nascente, culminando em suas realocações para se enquadrarem às ‘necessidades’. Do outro lado, por sua vez, há os que acumulam demasiadamente e expropriam boa parte das divisas para o capital estrangeiro, como bem exemplifica o economista e turismólogo Jost Krippendorf (1989)

...são as divisas estrangeiras que fornecem o principal argumento para a promoção do turismo no terceiro mundo, ainda que quase ninguém tenha tentado calcular a proporção das receitas do turismo que fica realmente no país. Depois de deduzidos o custo das importações de produtos alimentícios e de bebidas destinadas aos turistas, o custo do equipamento hoteleiro adquirido no exterior, os salários pagos ao pessoal executivo estrangeiro e os lucros tomados pelos proprietários estrangeiros, naturalmente alguma coisa fica na caixa dos autóctones, mas nem sempre é muito (p. 93).

Neste sentido deveria haver uma maior preocupação em determinar certos limites, pois as empresas agem seguindo os princípios do livre comércio. E a fim da satisfação de seus consumidores – os turistas – que, via de regra permanecem com os hábitos de consumo inalterados durante as viagens, fazem um grande uso de produtos que não são originários da região turística, com pratos e bebidas sofisticadas da gastronomia internacional, ao invés de promover o estímulo da cozinha tradicional local.

Não só repensar o modo como o turismo vem sendo praticado atualmente, que se torna de grande importância, mas o saber-viver em sociedade. Como alguns teóricos expõem que o desenvolvimento hoje é infinito, à medida que avançamos, ainda terá no horizonte algo a mais. De modo que não é particularmente o turismo que é nefasto, mas todo um vasto número de atividades, se não forem bem praticados. Sem ter o intuito de pregar teses humanistas, mas sim de ver esta atividade capaz de proporcionar tão fortemente uma riqueza de espírito, fazer descansar da vida frenética, o homem moderno, e fazer-nos movimentar ao redor do mundo do qual todos viemos.

Portanto, é possível sim repensar sobre o tema, desgarrando-se do discurso dominante, e sob um ponto de vista mais imparcial e crítico, para poder entender a fundo suas especificidades. Dando fim às referências teóricas a que este trabalho se sustentará vem à tona uma sábia passagem de Guy Debord (2003)

Subproduto da circulação das mercadorias, a circulação humana considerada como consumo, o turismo, reduz-se fundamentalmente à distração de ir ver o que já se tornou banal. A ordenação econômica dos frequentadores de lugares diferentes é por si só a garantia da sua *pasteurização*. A mesma modernização que retirou da viagem o tempo, retirou-lhe também a realidade do espaço (p.109).

3 A DIMENSÃO E OS IMPACTOS DO TURISMO

Este capítulo tem como objetivo investigar os principais impactos em determinadas esferas que afetam a sociedade local, tratando primeiramente, dos efeitos político-econômicos, para em seguida, na seção dois, analisar os impactos sócio-culturais. Já na seção seguinte, será visto os impactos ambientais que o turismo pode causar.

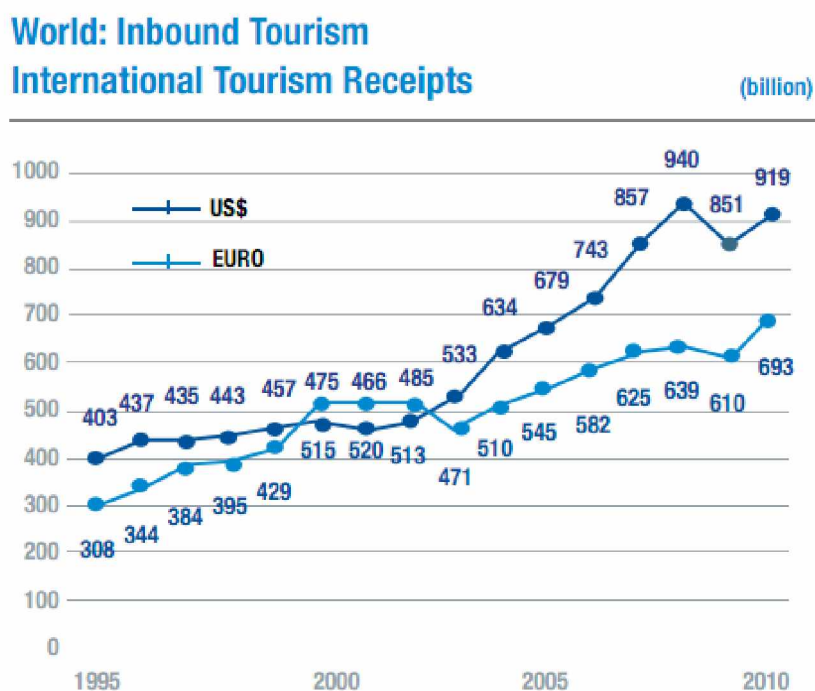
3.1 Impactos político-econômicos

Tratando-se de uma indústria extremamente recente, a qual somente após o período de grandes instabilidades políticas da primeira metade do século, teve a oportunidade para se desenvolver plenamente, proporcionado também pelo avanço da tecnologia, vemos facilmente o quão rápido esta atividade cresceu e se desenvolveu. O que, por sua vez, implica certo crescimento desmesurado, pois demorou a se perceber os impactos negativos causados a algumas comunidades que não mais poderão reverter estes panoramas. Assim, crescendo a sua importância, fez surgir com maior frequência as pesquisas científicas em turismo, a partir da década de 60 no meio internacional, e somente nos anos 90 no Brasil. Ademais, por sua multidisciplinaridade inata se faz de grande importância o seu estudo nas diferentes áreas de conhecimento de modo simbiótico, a saber, por economistas, sociólogos, antropólogos, cientistas políticos, geógrafos, os próprios turismólogos, bem como outros cientistas sociais.

De modo que não tardou muito à indústria do turismo ocupar a posição de destaque de hoje em dia. Sendo considerada para muitos países a indústria de maior importância econômica, alguns autores inclusive chegam a situá-la como a maior geradora de empregos e de transferência de divisas. Colocando em número temos que, em 2010, segundo o relatório anual da OMT, o turismo internacional movimentou cerca de 940 milhões de turistas e 919 bilhões de dólares. Foi responsável também por 5% do PIB mundial, 30% da exportação mundial de serviços, e por empregar um a cada doze trabalhadores no mundo.

Entretanto, deve-se ter muito cuidado ao estimar perspectivas para os próximos anos, por se tratar de uma atividade extremamente volátil em relação à situação econômica mundial. Após a grave crise que nos afetou em 2008/09 houve um forte impacto no fluxo de turistas e principalmente nas receitas por eles geradas, adicionando a isso também as incertezas quanto à pandemia da gripe A (H1N1). Como pode ser observado nos gráficos abaixo do desempenho do turismo nos últimos anos. Entretanto, nota-se a rápida recuperação já no ano passado, sendo impulsionado principalmente pelos países emergentes, da África, da Ásia e do Pacífico, e do Oriente Médio, frente à lenta recuperação da Europa, a mais afetada pela crise, e que ainda não conseguiu se livrar desta por completo.

Figura 1: Turismo receptivo, receitas do turismo internacional em \$ e € (bilhões)



Fonte e elaboração, OMT

Figura 2: Turismo receptivo, entrada de turistas internacionais (milhões)



Fonte e elaboração, OMT

No entanto, mais importante do que constatar estes resultados crescentes da economia do turismo, é saber como estes números impactam a vida de quem, em tese, deveriam ser os maiores beneficiados, os autóctones. A fim de avaliar as opções possíveis para conciliar o desenvolvimento econômico aos benefícios sociais com equidade, vem à tona a necessidade de se realizar pesquisas e projetos para um crescimento mais ordenado.

Um grande estímulo para que este tema esteja tão em pauta atualmente, foi a emergência cada vez maior de instituições, congressos e conferências para propor diretrizes tanto no curto como no longo prazo para o turismo. Muito embora ao pesquisar sobre estes encontros – em geral, propostos pela OMT – muitos apresentavam um caráter de planejamento unilateral do sistema econômico internacional do turismo, ao reunir “os líderes mundiais” para propor mudanças na agenda global e colocar a política de desenvolvimento do turismo como uma das prioridades nacionais. Em suma, temos que, como uma agência da ONU, a OMT surge da necessidade de institucionalizar este grande e singular segmento da economia, para promover um turismo sustentável, principalmente para os países em desenvolvimento. Mas o que se pode perceber na realidade é uma orientação política enviesada para os países centrais do sistema capitalista, sob os auspícios do livre comércio, a fim de facilitar a entrada do

capital estrangeiro nas economias nacionais. Algumas influências a nível político serão tratadas na subseção a seguir, e após, análises mais subjetivas sobre a importância do turismo mundial como caminho para o desenvolvimento econômico.

3.1.1 Os grupos de interesse e as influências políticas

Cada vez mais se pode constatar por experiências passadas, que a economia de mercado não irá produzir um sistema turístico adequado aos conceitos de desenvolvimento sustentável, ou sequer uma indústria eficiente no longo prazo. Segundo Stephen Wanhill (1998),

O cenário básico para o desenvolvimento sustentado é a diminuição da pobreza absoluta e o reabastecimento dos recursos. Os benefícios do turismo são bem conhecidos, e, mais do que qualquer outra indústria, o turismo lida com o uso dos recursos naturais e culturais. As lições do passado indicam que não é inteligente que o Estado abandone a sua habilidade em influenciar o direcionamento do turismo, seja através da assistência financeira, seja da legislação. Os lucros a curto prazo, buscados pelos mercados privados, estão frequentemente em choque com a sustentabilidade a longo prazo dos meios turísticos (p 34).

Conciliar então, os dois lados desta complexa atividade que envolve, por um lado, toda uma vasta gama de serviços, como: restaurantes, serviços de hospedagem, agentes e guias de viagem, lojas, e ainda, estradas, hospitais, segurança pública, e por outro, a própria atração turística – a paisagem a ser vendida – e a população nativa, não se realizará espontaneamente pelas leis de mercado. De modo que caberá ao Estado ser a principal esfera para guiar os caminhos a serem percorridos pelo desenvolvimento do turismo. No entanto, o interesse político não pode deixar-se levar por *lobby* dos grandes capitais financeiros, e ir de encontro aos interesses da população local. Sem ir muito longe, podemos ver alguns exemplos na própria Ilha de Santa Catarina, de resorts em área de preservação ambiental ao projeto de construção da nova ponte. Assim, para somar a uma gestão ideal, a sociedade deve participar ativamente das tomadas de decisão sobre os destinos do turismo na região.

Os defensores da corrente do planejamento estatal, por outro lado, creem que devem ser liberadas as vias de acesso ao capital privado, com financiamentos ou subsídios para a instalação dos grandes empreendimentos, juntamente com um planejamento sustentável, a fim da indústria não se autodestruir no longo prazo, para tal exercer o controle do

fluxo turístico tendo em vista a capacidade de carga seria crucial. A autora Dóris Ruschmann (1997, p.91), chega ao cúmulo de propor a privatização dos recursos naturais, instituindo-se o pagamento de taxa de acesso ou ocupação, visando à angariação de fundos que possibilitem o pagamento das obras e a instituição de medidas que salvaguardem a atratividade dos locais. Ora, estas medidas nada mais representariam, senão uma elitização dos espaços públicos de lazer. Em um país afortunado por uma vasta diversidade natural como o Brasil, no qual tem como um dos poucos espaços tão democráticos quanto a praia, caminharia totalmente na direção contrária aos interesses da sociedade, sob o argumento de fornecer emprego e renda à população, e ajudar ‘monetariamente’ a preservação do ambiente. Parece refletir no fim das contas mais um episódio da eterna luta de classes.

3.1.2 O turismo e o mito do desenvolvimento

No início desta seção foram apresentados consideráveis números acerca da importância do turismo internacional, não se pode negar a partir de então, o quão fundamental este se tornou para muitas comunidades. Convém agora, ilustrar como e onde realmente impactam estes números, relacionando-os com o mito do desenvolvimento inserido no turismo.

Com o surgimento da corrida desenvolvimentista na América Latina, principalmente no período pós Segunda Guerra, acreditava-se que a única saída para emergir ao desenvolvimento era pela via industrializante – através do Processo de Substituição de Importações – na tentativa de imitar o modelo adotado pelos países desenvolvidos. Contudo trata-se de uma ilusão a perseguição destes objetivos na medida em que a diferença entre estes países só tende a aumentar, e do mesmo modo como ir de encontro ao arco-íris que nunca chega, o dito desenvolvimento parece estar se afastando da periferia do capitalismo. Esta ilusão desenvolvimentista foi criticada por alguns autores, Celso Furtado (1974 p.82) classificou-a como um ‘simples mito’ considerando esta, “a forma excludente de um consumo que é cópia do padrão dos países afortunados, tornado possível por aumentos de produtividade revertidos para uma minoria, explicando o agravamento das desigualdades sociais como função do próprio avanço na

acumulação”. E ainda que o mito do desenvolvimento nada mais é, senão o desvio das atenções da tarefa básica de identificação das necessidades fundamentais da coletividade e das possibilidades que abrem ao homem o avanço da ciência, para concentrá-las em objetivos abstratos, como são os investimentos, as exportações e o crescimento (idem, p.86).

De forma semelhante estes ideais vêm sendo aplicados ao turismo. Com o crescimento do seu peso sobre a economia, cada vez mais nos países e regiões periféricas, todos os esforços vêm sendo feitos a fim de implementar serviços turísticos. Depois de sucessivos fracassos dos processos de modernização, o turismo apareceu a partir da década de 50, como a alternativa de desenvolvimento (Ouriques, 2005, p.95). Não obstante muitas destas localidades, de fato se desenvolveram, pode-se observar que em certas localidades foram criadas ilhas de prosperidade e da qual os nativos não faziam parte. Um exemplo evidente é o turismo praticado em alguma localidades do Caribe, onde há uma grande concentração de renda em muitos dos balneários que conta com toda uma infra-estrutura apropriada para receberem as exigências de conforto principalmente de turistas estadunidenses e canadenses, a procura de sol, praias e mar. De modo que para os trabalhadores locais significou mais uma realocação de suas ocupações originais do que um salto de qualidade de vida. Recaindo aos capitalistas a maior parte dos benefícios.

Pode-se evidenciar as diferenças regionais que mesmo após todos os esforços para o caminho contrário, não foram suficientes para alterar a estrutura da economia turística mundial. Conforme as tabelas 1 e 2, que nos mostram respectivamente, os fluxos de turistas e as receitas cambiais do turismo internacional por região:

Tabela 1: Fluxo mundial de turistas por região (em%).

Regiões	1990	2000	2010
Europa	60,2	57,2	50,7
Ásia e o Pacífico	12,8	16,3	21,7
América do Norte	16,5	13,6	10,5
América Central e do Sul	4,8	5,4	5,5
África	3,5	3,9	5,2
Oriente Médio	2,2	3,6	6,4

Fonte: OMT, elaboração própria.

Tabela 2: Receita cambial turística absoluta e relativa, por região, 2010.

Regiões	Receita (bi \$)	Participação (%)
Europa	406,2	44,2
Ásia e o Pacífico	248,7	27,1
América do Norte	131,2	14,3
América Central e do Sul	51,0	5,5
África	31,6	3,4
Oriente Médio	50,3	5,5

Fonte: OMT, elaboração própria.

Do ponto de vista do número de chegadas de turista por região, podemos ver que mesmo as regiões da Europa e América do Norte tendo perdido uma boa parcela de seu *market share* para a região da Ásia e do Pacífico – principalmente pelo índice de crescimento chinês, que inclusive no turismo, é alto – ainda estas áreas correspondem por mais de 60% do fluxo de turistas mundiais. Outro ponto que merece ressalva é a ainda pequena parcela representada pela América Latina, Oriente Médio e África que juntas somam pouco mais de 160 milhões de turistas (17%), que mesmo tendo aumentado sua participação, esta foi modesta, principalmente na nossa região.

Quanto às receitas cambiais podemos ver que há um aumento relativo principalmente dos países da América do Norte e da Ásia e Oceania, os quais possuem um alto nível de receita *per capita*. O contrário acontece nas três regiões periféricas e semi-periféricas que, juntas não somam 15%. Em suma, podemos retirar destes números, a grande predominância dos países desenvolvidos tanto em número de turistas quanto em receitas, por outro lado, no entanto, devemos destacar o crescimento dos países asiáticos, que dispendo de um câmbio favorável vêm atraindo cada vez mais turistas. Sendo o fator cambial inclusive um grande determinante para elasticidade na demanda de turistas nos países subdesenvolvidos.

Sendo assim, é com uma elevada concentração de renda que este setor tido como a tábua de salvação para as economias atrasadas, se comporta. Evidenciando cada vez mais a forte dependência dos países subdesenvolvidos em relação às grandes potências capitalistas, como bem colocaram Archer & Cooper (2001, p.91), nos casos mais extremos o turismo internacional impôs aos países emergentes uma forma de desenvolvimento de tipo neocolonial. Esse neocolonialismo retira poder dos níveis local e regional e o concentra nas mãos das companhias multinacionais. Por isso, há necessidade por parte dos agentes políticos locais terem em conta o perigo que a

monocultura turística pode acarretar, pois uma economia que se apóia essencialmente no turismo torna-se muito mais frágil. Por outro lado, é dever do país proteger o interesse nacional, e dificultar a expropriação de divisas pelo capital internacional, e principalmente sobre o controle de nossos recursos naturais, como inclusive, a OMT tem pregado, sob os auspícios da liberalização do comércio tão proposta pela Organização Mundial do Comércio, como bem expõe Ouriques (2005)

A OMT prescreve para o turismo a mesma receita genérica da abertura total e indiscriminada de mercados, relativa a outros setores da economia, que significa a capitulação final das políticas nacionais de desenvolvimento da periferia, substituída pela dominação pura e simples dos grandes grupos industriais e financeiros internacionais.

Portanto, como podemos afirmar que o turismo possa elevar o nível de vida dos habitantes locais, quando o objetivo a ser cumprido reside especificamente na satisfação dos turistas? Quando ‘as ilhas de prosperidade turística’ possuem tudo o que a vida moderna pode oferecer aos turistas, em busca da diversão e descanso. Enquanto os residentes locais muitas vezes não dispõe sequer de sistemas de saneamento básico, eletricidade para iluminar e aquecer seus banhos, e outros serviços, que se concentram nas áreas turísticas das cidades, e parecem esquecer-se da existência dos residentes, carentes por recursos e condições de vida.

3.2 Impactos sócio-culturais

O aumento da intensidade do número de viagens que vem sendo presenciada nas últimas décadas, em muito suscitou como um movimento capaz de promover a paz e a integração entre os povos, ainda mais depois de tanto tempo em que guerra e ódio os distanciavam. De fato trata-se do fenômeno recente que mais tenha proporcionado uma interação entre indivíduos de diferentes origens e culturas, sejam estas positivas, ou negativas. Para muitos autores, o surgimento do turismo contribui significativamente para uma melhor integração cultural turista-residente, ajudando o estreitamento de laços entre diferentes nações. Outros, por sua vez, argumentam sobre o efeito de confrontação entre estes, onde parece crescer o ressentimento dos nativos em relação aos turistas, dependendo das diferenças culturais, da intensidade do turismo, do comportamento dos turistas, entre outros fatores.

Segundo Var & Ap (2001) em seu artigo pró-turístico relacionado com a paz mundial “alguns dos benefícios positivos atribuídos aos efeitos sociais e culturais do turismo são a promoção da boa vontade, da compreensão e da paz entre os povos de diferentes nações”. Para Krippendorf (1989) por outro lado,

Na maioria dos casos, o encontro segue a lógica de um clichê, é artificial e enganador. Neste caso, em que domina a motivação da fuga e do egocentrismo, onde a invasão da massa não pode ser dominada senão pela massificação dos serviços, em que o comércio, a agitação e o confisco estrangeiro reinam como senhores absolutos, em que os sentimentos de inferioridade e de superioridade podem nascer e em que as diferenças são muito grandes, é inevitável que o coração não participe e que qualquer tipo de contato se torne impossível.

Com intuito de contrapor duas visões diferentes a respeito dos efeitos socioculturais, e extrair o que melhor estas duas concepções têm a oferecer, faz surgir a importância deste nível de análise. Tendo em vista, esta relação de *amor e ódio* entre viajantes e viajados – como autor acima define os agentes emissor e receptor, respectivamente. Então, em análises mais específicas será revisto a seguir a relação entre turistas e residentes, a alteração na vida dos autóctones e a condição dos trabalhadores em turismo.

3.2.1 A relação turista-residente

Ao rever a bibliografia que discute este relacionamento, pode-se ver dois níveis de análise, uma delas, discute sob uma ótica mais macro, dando ênfase à coletividade de pessoas e como o seu fluxo – do local de residência ao visitado – interfere nas relações internacionais entre as nações envolvidas, e na visão que os nativos têm destes turistas de uma dada nacionalidade. A outra análise foca no indivíduo, que muitas vezes proveniente de uma comunidade mais fragilizada e suscetível a transformações externas, vê a sua comunidade desvirtuar-se para se enquadrar nos moldes de uma sociedade turística. Vejamos alguns pontos que merecem ressaltar.

Quando há uma grande intensidade no fluxo turístico de um país para outro, inevitavelmente acaba ocorrendo um estreitamento entre estes países e seus povos. Em casos como turistas estadunidenses no México, ou argentinos em alguns estados brasileiros, torna-se evidente essa aproximação, resta saber se o sentimento que irá surgir será de simpatia ou de preconceito.

Já foi constatado pela literatura que pesquisa esta temática, que quanto mais isolada e pobre for a comunidade receptora, mais ela sofrerá com os impactos que a intensidade do turismo venha a causar. Diversos estudos de caso em determinadas comunidades podem ilustrar este fato. Pearce (2001) relata alguns, como o do Alasca, onde a simples observação e fotografias feitas pelos turistas, dos nativos em suas atividades corriqueiras como a pesca, os ressentiam, fazendo que estes tivessem que mudar seu hábito a fim de evitar os olhares externos. Ou então, nas Filipinas ou Tailândia que têm uma reputação de possuir um elevado nível de prostituição e disponibilidade de drogas, para atender principalmente às necessidades dos turistas europeus, japoneses, americanos e australianos. Pelo fato de apresentarem uma economia em que o turismo há uma maior importância relativa, torna-se mais difícil reverter alguns quadros, pois mesmo que não gostem, os turistas são necessários, como aparece em um texto grego sobre o turismo em Creta, relatado por Krippendorf (1989) “os turistas são os inimigos mais perigosos que existem, porque eles nos são indispensáveis”.

Nas regiões mais desenvolvidas por outro lado, há uma maior capacidade de absorver as influências que o turismo possa implicar, sem com isso, ter que adequar seus princípios e estilo de vida. Nessas sociedades os efeitos ocorrem de outra forma, e muitas vezes são inclusive, positivos. Nos grandes centros urbanos, por exemplo, o que se faz notar mais nitidamente é o excesso de pessoas nas ruas, restaurantes, lojas, monumentos e museus, provocando um encontro entre os que estão no frenesi do dia a dia do trabalho, e os que estão a passeio, desprendidos do tempo. Provocando certa irritação dos residentes pela intensificação dos congestionamentos, pela inflação impulsionada pela zona turística, e também em muitos casos por comportamentos individuais considerados inaceitáveis, dado as diferenças culturais. Por isso, um grande fator para diminuir a tensão no encontro destes é a própria mudança de atitude dos turistas, pois assim como quem deve se preparar para uma grande escalada, o turista deve se preparar e conhecer de antemão os costumes e um pouco da cultura local. Em sábia passagem de Krippendorf (idem) “o turista é mais ignorante e despreocupado do que voluntariamente mal-intencionado. Querer impingir-lhe tudo nas costas seria tão absurdo quanto isentá-los de todos os erros. O que seria realmente necessário, seria fazê-lo saber!”

Por outro lado, fruto deste encontro há um valioso enriquecimento cultural, principalmente quando ocorrido entre pessoas de um mesmo *status* social. Mais facilmente observado entre os Estados europeus, que apesar de cada um ter sua

característica cultural específica, a integração crescente da União Européia, vem promovendo uma maior interação entre estes povos, resultado disso, é o crescente número de casamentos entre pessoas de diferentes nacionalidades dentro da UE.

Contudo, considerando que cada vez mais as fronteiras vão encurtando suas distâncias – principalmente no que se refere às informações – proporcionada pela expansão tecnológica (internet), vem ocorrendo um crescente número de viagens de habitantes de países desenvolvidos à comunidades mais pobres, e nestes casos um verdadeiro contato torna-se ainda mais difícil. Poderia ser por barreiras lingüísticas, ou mesmo, falta de oportunidade, mas o fator de maior relevância parece residir no fato de que não há o interesse. Sendo estes povos de culturas totalmente diferentes, e pior, de níveis sociais distintos, fazem crer que há certas barreiras intransponíveis. Criando inclusive, em muitos casos uma indiferença entre turistas e residentes. Enfim, sem ser demasiadamente generalista, pode-se observar os diferentes níveis de impactos dependendo de suas respectivas bases socioculturais. Restando apenas, uma premissa básica, que nesta relação há um peso maior para os autóctones, pois se os turistas chegam e voltam, aqueles permanecem, e veem o eterno fluxo de diferentes viajantes vindo e voltando, mudando somente a sua identidade.

3.2.2 Alteração do estilo de vida dos autóctones

Ao pesquisar bibliografias que tratam dos que se encontram do ‘outro lado’ das viagens, os autóctones, nos depararemos com uma diminuta quantidade de pesquisas científicas sobre o tema, uma vez que o lado dos turistas e de seus promotores falam mais alto. Contudo, analisando seus efeitos nas cidades ou regiões em que há uma intensa atividade turística, pode-se ver que, inevitavelmente, toda a sua população acaba sendo afetada em maior ou menor grau, dados o seu local de residência, a sua ocupação, ou ainda, o seu estudo. Considerando estes fatores, e a conscientização dos residentes, estes irão adquirir, em consequência uma postura mais, ou menos crítica em relação ao turismo.

Krippendorf (1989) aponta cinco categorias de autóctones de acordo com suas atividades e contatos que exercem com os turistas. A primeira, seriam aqueles que com

um contato constante e direto com os turistas, adquirem seus rendimentos totalmente destes, por exemplo, guias de viagem, pessoal da indústria hoteleira, e do transporte turístico, etc. Outra categoria compreende os autóctones proprietários de empresas turísticas ou de serviços para turistas, e pela indústria local – em especial a construção civil – que apesar de não efetuarem contatos permanentes com os visitantes, estes constituem uma boa parte de suas rendas, sendo também uma relação puramente comercial. Um terceiro grupo constitui os habitantes que vivem em torno dos centros turísticos ou em seus itinerários, e inclusive mantêm contatos diretos e frequentes com os turistas, mas só uma parte de seus rendimentos provém deles, e acabam admitindo algumas vantagens em ganhos extras, mas ressaltam as inconveniências como perturbações e atentado ao meio ambiente, muitas vezes compreendem os trabalhadores da zona rural. A quarta categoria é formada pela grande maioria das pessoas, que centrados em suas rotinas, praticamente não travam contatos com os turistas, e suas atitudes quanto a estes, são as mais variadas, indo do apoio ao repúdio, e muitas vezes beirando a indiferença. Por último, há que se mencionar os responsáveis pela promoção do turismo, os políticos e artífices de opiniões, que evidentemente apresentam uma opinião bem favorável a este, desejando elevar o nível de vida de sua população, e em geral, o próprio, primeiro.

Em uma região que ainda não dispõe de estruturas ou mesmo de um nível considerável de fluxo turístico receptivo, havendo apenas uma potencialidade por conta de suas belas paisagens por exemplo, os autóctones ainda podem influir em seus próprios destinos. Todavia, quando este quinto grupo chega propondo diretrizes para implementar uma rede hoteleira, restaurantes, e outros equipamentos turísticos, os residentes pouco sabem sobre as consequências que os podem esperar. Então, ao prometerem uma grande oferta de empregos e altos salários, seduzem os moradores locais, e inicia-se a entrada do grande capital na comunidade. Paralelamente aos grandes investimentos que este ‘abençoado empresário’ fará, ele vai adquirindo o direito de propriedade da terra, por um preço irrisório, transferindo-os para os ricos. Dando início assim, à especulação imobiliária e a intensa valorização do preço da terra, bem como do processo de expropriação dos autóctones, que não mais têm poder econômico para continuar em tal zona turística. Por fim, pode haver ainda em muitos casos, principalmente os quais dotam de um menor desenvolvimento, um elevado confisco estrangeiro, justificando que não há mão-de-obra especializada, estas empresas contratam serviço especializado

provenientes do exterior, em seguida, alegando não haver alimentos e bebidas requeridos pelo padrão internacional, os importam. Delegando à população local os subempregos.

O que se evidencia, portanto, é uma nítida relação de trocas desiguais, em que os lucros recaem aos capitalistas, e os riscos, à sociedade e ao próprio poder público que fornecerá as devidas garantias ao capital privado. Conforme Krippendorf (idem)

Uma troca só será dita equitativa se os custos e os lucros forem repartidos de modo equivalente entre as duas partes. Não é o caso do turismo. Uma das principais razões para tanto são os custos sociais que criam, mas não pagam, as empresas turísticas e os turistas e que ficam inteiramente a cargo das regiões hospedeiras. Elas não figuram em nenhuma conta e, no entanto, pesam muito e podem acabar representando uma carga quase insuportável para os nativos.

3.2.3 A condição dos trabalhadores

Historicamente, podemos dizer que de certo modo houve uma preparação do trabalhador para o turismo. Como apontando por Ouriques (2005) após a Revolução Industrial e durante o século XIX, se desenvolveu esta preparação, uma vez que as jornadas de trabalho aumentavam e intensificava-se a exploração da mais-valia do trabalhador, os quais consumiam o seu tempo livre e lazer regados a festas étlicas e outras diversões consideradas rudes e contra a ordem³. A fim de controlar os trabalhadores e reprimir estes comportamentos, no final do século XIX, e início do próximo, houve processos de intensificação das jornadas de trabalho, bem como a supressão das folgas nos feriados e fins de semana, reduzindo o tempo de lazer dos trabalhadores. Para então, só na segunda metade do século passado reverter este quadro, com a instituição em vários países das legislações trabalhistas, como a redução da jornada de trabalho diária para 8 horas e das férias remuneradas, podendo disponibilizar maior tempo de lazer aos trabalhadores, e desse modo o turismo poder se disseminar pelo mundo.

A questão atual dos trabalhadores em turismo, como já foi apontado acima, é onde reside um dos principais argumentos pró-turísticos. Configurando-se como um setor

³ Ver, por exemplo Rule, 1990; Thompson 1987.

responsável por uma elevada oferta de empregos, mas deixando a desejar no aspecto qualitativo. Compõe ainda, uma grande quantidade relativa de empregos informais, assim como sazonais. Por outro lado, não podemos esquecer também dos empregos que acabam sendo gerados indiretamente na indústria e comércio local, por conta do incremento populacional temporário dos visitantes e do multiplicador turístico, que faz circular a moeda dentro e fora da região turística.

No que se refere aos empregos indiretos, quanto maior e mais desenvolvida for a comunidade receptora, maior será a sua capacidade para alavancar os multi setores presentes na cidade ou região, absorvendo assim o aumento de demanda proporcionada. Do mesmo modo que implica ao multiplicador, pois uma vez que há uma variada oferta de bens e serviços, maior será a capacidade de fazer circular o dinheiro gasto no mercado local. Pois, as receitas do dono do hotel, por exemplo, não ficarão no seu bolso, uma parte será gasto para aquisição de matéria-prima, que por sua vez implicará em rendas, e outros gastos para o padeiro, distribuidor de bebidas, etc. Enquanto estas receitas não saem do circuito econômico, elas podem então, gerar novos rendimentos. Segundo autores⁴ o ‘efeito multiplicador do rendimento’ pode variar de 1 a 4, mais alto de acordo com o grau de desenvolvimento do país.

Em pior situação encontram-se os postos de trabalho criados diretamente pelo turismo. Os quais em sua grande parte são ocupados pelos autóctones, que tiveram que se realocar e adaptar à indústria nascente. Em grande parte eles deixaram suas antigas atividades tradicionais, tais como a pesca, artesanatos, agricultura familiar, para tornarem-se empregados de empresas hoteleiras, restaurantes, agências turísticas, ou outros grupos de expedições turísticas. Diferentemente do que pregam os apologistas ideológicos do turismo, vemos que estes empregos não têm nada de atraente, segundo Krippendorf (1989) “as condições de trabalho são rigorosas: horas extras, horários irregulares, sobrecarga de acordo com a estação do ano e comprometimento pessoal a favor do cliente. Ademais os salários não apenas são inferiores à média, como estão entre os mais baixos, conforme muitas pesquisas sobre o trabalho em turismo apontam⁵

A última categoria, dos trabalhadores informais, que acaba vendo no turismo como o meio de auferir uma renda extra, ou, em geral a principal, gozam ainda de menos

⁴ Ver, Sessa 1983, Krippendorf 1989;

⁵ Ver Ouriques 2007.

direitos. Constituída em grande parte pelos próprios nativos, ou por migrantes sazonais, estes, sem uma grande perspectiva e sem conseguir se inserir no mercado de trabalho formal, descobrem uma oportunidade em zonas turísticas onde há uma grande concentração de renda (gastos) por parte dos turistas, e inclusive em alguns casos chegam a auferir ganhos relativamente altos, se comparados com alguns trabalhadores do setor. Muito embora devam fazer com que estes rendimentos durem até a próxima temporada ou então, encontrar alguma outra fonte de renda.

Será então, que o turismo realmente é a melhor saída para elevar o nível de vida e livrar da pobreza populações desfavorecidas? Cada vez mais estes pensamentos hegemônicos e falaciosos vêm sendo questionados, e postos em xeque, dados os altos custos sofridos por parte dos autóctones. Através das pesquisas científicas aplicadas a diversas áreas das ciências humanas podemos assim, contribuir para o debate, e posteriormente propor um outro modo de ver as coisas.

3.3 Impactos Ambientais

Por fim, outra grande esfera que vem sentindo os efeitos nefastos que o turismo pode proporcionar, refere-se aos impactos sofridos pelo meio ambiente. Contrastando as belas paisagens naturais – onde estão muitas das estâncias turísticas – com o avanço da civilização, do cimento sobre as áreas verdes. No século atual cada vez mais termos como sustentabilidade e desenvolvimento sustentável viraram moda, tanto em discussões acadêmicas quanto populares.

Com intuito, então, de apontar as principais questões que envolvem a temática do meio ambiente, e alguns conceitos básicos para o seu estudo, vem à tona a importância desta seção. Sendo assim, veremos o que vem sendo discutido no meio acadêmico sobre a capacidade de carga, e em seguida, os meios de se praticar um turismo sustentável e auto-sustentado.

3.3.1 Capacidade de carga

O conceito de capacidade de carga ou de suporte é de grande importância para impor limites ao crescimento do turismo, de acordo com estudos e o planejamento traçado para o destino. Este limite é, no entanto, controverso na medida que são realmente necessários, mas delimitar um número preciso de visitas por tempo pode parecer demasiadamente simplista, e mais intuitivo do que técnico. Além do que, é um instrumento de gerenciamento político, então esta capacidade estipulada irá depender dos objetivos e das condições desejadas para uma determinada região, através da experiência acumulada. Vejamos então seus detalhes, que englobam não só a capacidade física da natureza de absorver os impactos de um grande número de visitantes, como se pode pensar, mas também de limites psicológicos, sociais, políticos e econômicos, que podem afetar as experiências dos turistas, ou criar um nível insustentável para o viver dos residentes.

Este termo, conforme aponta Rodrigues (1999) é originário da área de meio ambiente e população, e da biologia. De modo que, baseado na perspectiva do meio ambiente a capacidade não se restringe a fronteiras administrativas e/ou política, uma vez que a natureza não as diferencia, admitindo em vez disso as fronteiras geográficas, tais como bacias hidrográficas, florestas, sítios arqueológicos, etc. Sob esta perspectiva propõe-se que a capacidade de carga implica em manter um equilíbrio entre as experiências físico-ambientais, e dos visitantes. Nesse contexto, Mathieson & Wall (1982) definem como “o número máximo de pessoas que podem utilizar um local sem alterar de modo inaceitável o meio ambiente físico, e sem provocar um declínio inaceitável da qualidade da experiência usufruída pelos visitantes”. Como a maior parte dos autores escreve sob a ótica do turista, faltaria mencionar um ‘declínio inaceitável’ na qualidade de vida dos residentes.

A pergunta que parece surgir, é qual seria o limite exato que determinadas regiões poderiam sustentar? O fato é, que precisar em um número fixo torna-se deveras complicado, em muitos casos o que se faz então, e nortear estas medidas de acordo com o modo e a intensidade que vem sendo praticado. Assim, observando situações como: queda de demanda, crescente conflito turistas/residentes, desastres ambientais, ou

alguma outra consequência decorrente de um intenso uso da região, podem servir de índices de percepção do impacto que vem causando na região.

Outra perspectiva, baseada na comunidade, segundo D'Amore (1983, apud Williams & Gill, 2001) sugere que “a capacidade de carga se refere à capacidade de uma área de destino de absorver o turismo antes que a comunidade se ressinta dos efeitos negativos”. Dentro desta, a qual engloba principalmente os aspectos do meio urbano, muitos são os fatores condicionantes para que haja um limite. Muito embora estes limites não sejam exatos, mas sim estruturais, tais como número de leitos, e meios de transporte para se chegar ao destino. Considerando então, que os turistas e residentes dividirão o mesmo espaço a cidade receptora deve ter os aportes necessários para assistir aos dois grupos, como por exemplo, aumentar o número de efetivos policiais, mais opções de transporte, de lazer, saúde, etc. Ademais às estruturas, há o próprio contato entre estes, em que havendo um elevado número de turistas por habitantes locais, pode haver uma supressão cultural, elevando o stress por parte destes.

No que se refere a administrar e gerenciar estes sistemas, frequentemente entram em choque diversos grupos de interesse opostos, a saber, os turistas, a população local, os investidores capitalistas, empreendimentos já estabelecidos ou em projeto, e os órgãos públicos que definirão as prioridades. Assim, de acordo com as especificidades da região se avaliará a direção a ser tomada, sendo que de modo geral estes interesses não apresentam forças simétricas, pendendo para o lado dos investidores, em especial nos estágios iniciais do desenvolvimento turístico.

Podemos observar então, o modo como estes conceitos se aplicam ao planejamento urbano e ambiental, que apesar de possuir algumas arbitrariedades, não pode ser esquecido. Principalmente, em regiões que apresentam uma menor fragilidade física quanto às próprias intempéries meteorológicas, o que dizer então do aditivo de elevados fluxos turísticos no local. Como um exemplo evidente, pode-se cita o Parque Nacional de Machu Pichu, em que possui um limite bem controlado para a sua preservação, podendo haver no máximo quinhentas pessoas por dia, vindos pela Trilha Inca, e mais os trens que desembarcam diretamente no parque, sendo que ambos devem ser comprados antecipadamente, sendo cadastro as pessoas que os adquiriram. Por mais que alguns autores se manifestem contrários a imposição de limites fixos como nesse caso,

seria uma irresponsabilidade deixar afluir para regiões como essa, um ilimitado número de turistas segundo as forças de mercado.

3.3.2 Turismo sustentável ou auto-sustentado

A partir da corrida desenvolvimentista do pós-guerra, em que muitas economias foram se industrializando a ritmos nunca antes visto, foi havendo cada vez mais a percepção de impactos ambientais decorrentes. De forma análoga, ocorreu ao desenvolvimento do turismo, que começou a ganhar dimensões globais no decorrer dos anos 50, intensificando-se de tal maneira que acabou por proporcionar o surgimento do turismo de massa, que teve o seu apogeu nos anos 70 e 80. Altamente nefasto, percebeu-se as suas consequências, e o tema do meio ambiente começou a ser com maior intensidade o foco de discussões no âmbito do turismo. Tendo início com algumas publicações na década de 70, esta questão foi ganhando maior corpo teórico e na década seguinte, já era o tema de muitas conferências e encontros internacionais. Em 1987, um estudo da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – criado pela ONU – desenvolveu o Relatório Brundtland intitulado *Our Common Future*, que propôs uma nova declaração universal sobre a proteção ambiental, colocando pela primeira vez o tema da sustentabilidade como um veículo de salvação.

Temos então, que apesar de ser relativamente recente a exposição do conceito de desenvolvimento sustentável pela mídia e pela sociedade, este não é tão novo assim. Segundo o estudo, *Our Common Future* descreveu o desenvolvimento sustentável como “o desenvolvimento que atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações de satisfazerem suas próprias necessidades”. Baseando-se não só pelos princípios da conservação e controle, mas também com a busca de soluções. O relatório também apontou alguns componentes básicos para que os objetivos fossem alcançados, provocando inúmeras discussões a nível acadêmico e empresarial. Sem o intuito de ser exaustivo, seguem estas diretrizes fundamentais⁶: controle populacional; estabelecer limites ecológicos e normas mais equitativas; redistribuição e realocação de recursos; conservação dos recursos básicos à vida; acesso

⁶ WCED, *Our Common Future* (Oxford University Press, 1987), *apud* Murphy (2001).

equitativo aos recursos e intensificação de pesquisas para utilizá-los mais eficientemente; capacidade de carga e rendimento sustentado; reserva dos recursos não-renováveis; preservação da biodiversidade e do ecossistema; minimização dos efeitos negativos sobre os elementos naturais; controle da comunidade; e supervisão ambiental.

No que se refere ao turismo, muitas dessas medidas ganham semelhante importância. Ademais, a indústria turística para sobreviver depende diretamente dos recursos naturais e culturais que vem sendo ameaçados em muitas comunidades. Recursos os quais são vendidos como produtos turísticos. Como bem afirma Rodrigues (1999) o “turismo é uma atividade de produção, de circulação e de consumo, que comercializa ‘paisagens naturais’ [...] o turismo não pode ser considerado uma atividade de serviços porque produz territórios e espaços para serem visitados”.

De modo que mesmo sem ser o real intuito – a preocupação ambiental – de muitos artifícios de política e planejamento turístico, é de seu interesse buscá-los para não se autodestruírem. Pois segundo Murphy (2001), o objetivo é que “o desenvolvimento econômico [ou do turismo] e a proteção ambiental tornem-se mutuamente dependentes e não mutuamente excludentes”. O autor ainda expõe que o desenvolvimento sustentado do turismo baseia-se na premissa de que a economia e o meio ambiente são apenas as duas faces da mesma moeda, ou seja, ambos estão intimamente conectados e devem conviver assim.

Um grande reforço para que a questão ambiental não fique apenas no discurso é o peso cada vez mais forte que o fator ambiental influencia nas tomadas de decisão da sociedade. Esta, por sinal, adquiriu uma maior influência nos últimos anos, dado o poder de união mundial proporcionada pelo avanço da tecnologia na informação. Mais especificamente, da *internet*, onde um vídeo ou uma informação postada na rede pode cruzar os quatro cantos do planeta, e ganhar uma visibilidade internacional capaz de proporcionar, que poderosas corporações se curvem a um grande de clientes em potencial, e enquadrar-se segundo os padrões vigentes. Por isso também, fazer uso da imagem positiva que a sustentabilidade apresenta vem sendo alvo de muitas empresas no marketing internacional. Pregando que a sua empresa respeita e é amiga do meio ambiente. Dessa forma, além de influenciar nas tomadas de decisão em prol do ambiente por parte da grande indústria, a sociedade pode fazer por outro lado, o papel de seus fiscais.

Ao rever a vasta bibliografia que discute acerca do desenvolvimento sustentável, e a sua aplicabilidade para o turismo, pode-se observar o grande número de soluções inequívocas para conseguir reduzir e reverter índices de devastação ambiental, social, cultural, mas o fato é que só iremos lograr êxito e parar de causar danos irreversíveis ao nosso planeta e seus habitantes, se em todas as esferas e agentes da sociedade conscientizarem-se. Desde os pequenos gestos do dia a dia, aos necessários empreendimentos adotarmos uma postura condizente com o respeito mútuo e ambiental.

4 OS CAMINHOS DO TURISMO

Há inúmeras formas diferentes de se praticar o turismo, de acordo com preferências e estilos de viagem, mas será concentrado aqui em dois extremos, que todas as outras formas de turismo acabam se assemelhando, em maior ou menor grau, de uma ou de outra, a saber, do turismo de massa de um lado, e o turismo alternativo de outro. Portanto o objetivo deste capítulo consiste em, primeiramente, fazer um breve retrospecto acerca do surgimento destes dois modelos antagônicos de turismo, para assim, apontar possíveis caminhos que possam proporcionar um valioso encontro entre ‘habitantes de mundos diferentes, mas do mesmo mundo’. Pois, se hoje, só através do turismo um encontro destes pode ser promovido, que seja para conjurar o bem e paz entre estes povos.

Sendo assim, a próxima sessão aborda o surgimento do conceito de turismo de massa, e como seu comportamento intrinsecamente nefasto pode afetar muitas comunidades onde se fizer presente, se não for devidamente controlado. A segunda seção, por outro lado, trata do turismo alternativo, o qual a própria definição como alternativo já causa controvérsias no meio acadêmico, e o que dizer então dos seus efeitos para a sociedade, que apresenta alguns aspectos realmente positivos, mas que pode trazer consigo mesmo que inconscientemente, semelhantes prejuízos.

4.1 Turismo de massa

O turismo de massa foi proporcionado por uma série de fatores que se auto reforçaram para criar um ambiente favorável à expansão global do turismo. Possibilitando à classe média desfrutar, pela primeira vez e com grande facilidade, do prazer das viagens. Mas tudo isto se deu a passos graduais. Na medida em que os aspectos conjunturais que a impediam de participar desta atividade, iam se tornando favoráveis a grandes grupos de pessoas dirigem-se às costas litorâneas, desfrutar do calor tropical, ou então urbanizando os Alpes europeus para a prática dos esportes de inverno.

No início da segunda metade do século passado, o panorama geral que nos tinha sobrado após a Segunda Guerra Mundial, era a economia internacional devastada pelos custos da guerra; a Europa, onde foram travadas muitas das batalhas encontrava-se destruída; as tensões políticas ainda eram grandes; e somando a isso todo o trauma psicológico sofrido por quem sentiu na pele os terrores da guerra. Tão logo começou a reconstrução europeia, a condição de vida da população foi melhorando, e ainda na década de 50 já se observava como a demanda turística dos países desenvolvidos expandia-se a ritmos sem precedentes. Então, com uma maior estabilidade político-econômica, regulamentações trabalhistas em favor dos trabalhadores possibilitando o aumento do tempo livre, do desenvolvimento tecnológico dos transportes – em especial dos aviões – aliados à sede dos indivíduos pelas viagens de lazer, conspirou para o avanço do turismo de massa.

O autor Swinglehurst (2001) ao traçar um panorama geral dos efeitos diretos nas sociedades do passado e atual, nos mostra alguns aspectos incipientes no turismo do Velho Continente. Que logo nos anos 1960, o jornal de grande circulação inglês, *Sunday Times*, sugeriu que o equivalente moderno do *pão e circo* era a tríade sol, areia e sexo, fornecido pela grande indústria do turismo pós-guerra. No entanto, era justamente nessa época em que ele começou a se expandir, pois os ingleses ainda tinham desconfiança com os outros países, devido ao passado recente de conflitos e também a Inglaterra passava por períodos de austeridade após a guerra, com restrições impostas ao câmbio externo.

A partir de então, deu início a um grande incentivo por parte de empresários e agentes de viagens para que a população se acostumassem com a ideia de viajar também pelo ar, pois mesmo que o avião não fosse novidade, só os ricos poderiam desfrutar antes da guerra. Com a introdução do avião a jato, proporcionou inclusive um processo de fretamento de aviões exclusivamente para o transporte da crescente população que queria viajar para o exterior. Estava assim, criado o processo básico para que milhões de pessoas ainda na década de 60 fizessem o uso das viagens de avião, não apenas para as localidades vizinhas, mas também cruzando os oceanos, a fim de conhecer a América.

Com a expansão das fronteiras no mundo da viagem, que teriam sido inimagináveis poucas décadas atrás, foi percebendo-se os primeiros impactos. Uma vez que a grande busca por essas viagens era o turismo de sol e mar, as costas ao redor do Mediterrâneo

constituíam a maior parte das procuras, e nesse momento já se encontrava ao alcance de todos. Conforme Swinglehurst (*idem*),

Costas desertas e inóspitas onde os nativos ganhavam a vida pescando ou criando cabras se transformaram em áreas de férias. Os empreendedores tinham oportunidade de fazer surgir áreas de férias a partir do nada, construindo cidades onde antes havia apenas pedra e vegetação pobre.

Ora, isso significa dizer que não apenas os blocos de concreto deveriam avançar sobre estas áreas, mas todos os serviços básicos como saneamento básico, abastecimento de água, eletricidade, etc. deveriam ser providenciados rapidamente. O autor em seguida, relata a experiência da primeira região costeira que começou a ser criada para o turismo, no sul da Espanha,

A primeira região costeira a ser desenvolvida pelos turistas que se deslocam de avião foi no sul de Espanha, próximo a Málaga. Onde anteriormente havia uma costa desabitada despontaram cidades turísticas. O capital e conhecimento técnico provindos de fontes externas começaram a afluir quando os bancos e financiadores se interessaram pelo que prometia ser uma indústria em rápida expansão. Inicialmente este processo foi bem-vindo, mas não levou muito tempo para os espanhóis começarem a protestar ao perceberem que o investimento, o equipamento e a mão-de-obra qualificada importados estavam beneficiando os estrangeiros mais do que o país anfitrião.

Entretanto, apesar do triste cenário para estas comunidades locais, que vivenciaram mudanças semelhantes em suas regiões, elas não tinham escolha. No caso da Espanha, havia uma grande carência de capital nacional para criarem empreendimentos de grande porte, bem como a disponibilidade de trabalho. Assim, de fato muitos nativos destas regiões puderam ao menos desfrutar de uma elevação no nível de vida, em contraposição à transformação de seu ambiente.

Semelhante ao caso da região sul da Espanha, houve em seguida várias experiências semelhantes, fora do Mediterrâneo, ao passo que outras regiões iam se desenvolvendo, e o custo das viagens de longa distância diminuía. Atravessando o Atlântico, e chegando aos Estados Unidos e Canadá, e em seguida ao Caribe. Sendo que nas duas primeiras os impactos não foram tão grandes, uma vez que visitantes e visitados dispunham de culturas semelhantes e uma menor distância social.

Não há dúvidas, portanto, do quanto o turismo transformou e continua transformando o mundo sob muitos aspectos e de que para muitas culturas o turismo é a incorporação vivas das imagens vendidas pela mídia global. No entanto, nada substitui o encontro direto, com outras paisagens, outras culturas, servindo ao mesmo tempo para quebrar paradigmas de conceitos estereotipados sobre outros povos. Servindo desse modo, como

uma indústria única neste quesito de união transnacional. Por isso a importância de se praticar um turismo limpo e mais humano. Não podemos esperar que todos os indivíduos compartilhem dos mesmos gostos e estilos de viagens, mas podemos adquirir a consciência do que a nossas tomadas de decisão, enquanto viajamos, podem impactar positivamente as pessoas que nos circundam.

4.2 Turismo alternativo

Do outro extremo, tem-se o turismo alternativo, que apesar de se ter uma clara noção de que o fez surgir em contraposição ao turismo de massa, o seu conceito não é absoluto e inequívoco. O que se pode estabelecer como premissas básicas, de comum acordo mesmo em suas diferentes definições, é um contato mais próximo dos turistas e dos autóctones, que aqueles se utilizem das mesmas estruturas urbanas que a população local (como transporte, nos meios de hospedagem, de alimentação, etc.), ir de encontro a lugares mais inexplorados, entre outros aspectos que o dissociem do turismo de massa. Assim, o intuito desta seção consiste em definir sob as diferentes concepções o que vem a ser turismo alternativo, e logo após elucidar os meios pelo qual este possa ser benéfico para a sociedade, ou não.

Conforme pesquisa de Gonsalves (1987, *apud* Macleod 2001) tem-se que o surgimento do conceito de turismo alternativo apareceu primeiramente, no Seminário Internacional de Manila em 1980. Ele considerava que o seu grande teste, seria a capacidade de influenciar os turistas convencionais, e adotava uma postura positiva em relação a esta forma de turismo, dizendo que “a viagem, ao longo da história, tem sido um meio de educação, comunicação entre culturas e desenvolvimento de relações significativas. O turismo alternativo considera esses objetivos ainda válidos e trabalha na direção deles”. Traçando perspectivas favoráveis às intenções do turismo alternativo.

Cohen (1987), entretanto, adota uma postura mais crítica e crê que sequer exista apenas um conceito geral, para ele há duas concepções principais. Na primeira, ele é visto estritamente como uma reação ao turismo moderno, composta por aventureiros, pelo viajante errante, que estão romanticamente em busca do paraíso perdido, e ainda que esses tipos, ocasionalmente criam seus próprios enclaves culturais que envolvem drogas

e sexo, tratam os nativos como gente esquisita e iniciam uma diminuição da cultura da hospitalidade na comunidade anfitriã. Na segunda concepção, o veem como um ‘turismo alternativo participante’, surgindo a ideia de um turismo justo, em reação à exploração do Terceiro Mundo, que favorece a compreensão mútua, impedindo a degradação ambiental e cultural e diminuindo a exploração. O dilema, no entanto, recairia no fato de que o turismo de massa, de um lado não mais poderia ser mudado, e o turismo alternativo ainda apresenta uma dimensão pequena dentro do todo, mas que por se comportar assim que pode ser menos impactante.

Pode-se ver em linhas gerais, principalmente pelo modo de atuação por parte do turista alternativo, que as suas intenções são mais verdadeiras e menos nefastas ao se relacionar com o lugar e as pessoas que está visitando. Mas, inconscientemente, e sem ter esta pretensão pode estar influenciando de modo negativo a comunidade anfitriã, no longo prazo. Ao abrir caminho na desconhecida localidade longínqua para turistas menos aventureiros, é o que expõe Krippendorf (1987) que conta uma pequena história relatada por Renscheler (1981) que poderia se passar analogamente em outras localidades no mundo:

Esta é a história de um “alternativo”, cansado da civilização, descobre uma encantadora ilha grega, isolada e habitada apenas pelos autóctones; os gregos lhe oferecem hospitalidade e ele passa um verão maravilhoso a preços baixos. Ele volta para Europa Central, cinzenta com a chuva, e conta a história do sol, do vento e do mar. No verão seguinte, alguns de seus amigos vão até a ilha, saboreiam a doçura que é viver em tal lugar, pagam uma modesta pensão e falam alemão. Fazem reserva para o próximo ano e levam outros conhecidos, os gregos se apertam um pouco para poder alugar outros quartos, oferecem refeições mais adequadas aos estômagos estrangeiros e tratam de adquirir um fliperama. Um deles abandona a pesca para levar os turistas para passear pelo mar, um outro transforma sua casa em pensão, um outro importa Coca-Cola e goma de masca do continente, um outro aprende algumas palavras em alemão, um outro proíbe os filhos de brincar na praia e um outro, ainda, começa a tecer para os estrangeiros... No verão seguinte, já se pode fazer a reserva da casa, a ilha grega já consta dos catálogos, a aldeia dos pescadores se tornou “destino”.

Desse modo, eles podem vir a introduzir o turismo de massa, algo que eles tentam se desvincular e escapar. Comportando-se como uma ‘faca de dois gumes’, em que de um lado pregam um turismo brando e sem exploração, e por outro, podem sem querer, fazer com que o seu oposto penetre nas comunidades receptoras.

Por tratar inevitavelmente de um turismo elitista, pois o turista alternativo é dotado de um maior nível cultural, conhecimento de mais línguas além da sua, e para chegar às localidades ideais, é preciso uma maior busca e dispêndio o que o faz se tornar também um grande negócio comercial. Como exemplifica Krippendorf (idem) “*faça o Ártico a*

pé; a toilette dos elefantes da Índia; atravesse o Saara de jipe, ou ainda, Groelândia puxado por cachorros, ou, a idade da pedra no Ceilão, etc”.

Observa-se então, que apesar do seu caráter *a priori* benéfico, traz igualmente consigo, certos problemas. Todavia, contribui para uma maior diversificação no turismo. Hoje, em dia, já existem diversas formas, que se poderiam enquadrar como turismo alternativo, tais como: o turismo verde, (ecoturismo) em que o turista pode contribuir para o desenvolvimento e o bem-estar da ecologia anfitriã; o turismo étnico, que pode ajudar a comunidade receptora preservar suas raízes locais, se não ultrapassar certos limites, enfim auxiliar a desafogar o gargalo do grande número de potenciais viajantes em face de uma capacidade limite de certas comunidades, ambientes suportarem a influencia do turismo.

Em linha gerais, podemos apontar os benefícios de tal forma de turismo, como: utiliza-se de modo menos intenso os recursos necessários; é praticado em grupos menores; apesar de apresentarem menores gastos na comunidade receptora, praticamente não ocorre o confisco estrangeiro, de modo que estes gastos caem diretamente nas mãos dos autóctones; propicia um encontro de iguais, entre povos diferentes, sem o caráter de servidão dos nativos para com os turistas; a comunidade receptora acaba participando mais ativamente da construção das atividades turísticas; e pode ainda propor uma mudança de comportamento aos turistas convencionais.

Portanto, pode-se ver vários panoramas positivos a este segmento, que devem ser levados adiante para uma construção humanista de um turismo limpo. Mas tudo isso, de nada adiantará se não houver uma eficaz avaliação e planejamento para não deixar que os ideais positivos se desvirtuem, e manifestem-se de modo negativo. Uma vez que, dados o real encontro visitante e visitado, o turismo alternativo pode causar a influência das mais fundamentais aos nativos, o de modo pensar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como fechamento desta pesquisa acadêmica, este capítulo visa apresentar as considerações finais acerca do que foi estudado sobre o setor do turismo. Assim, a próxima seção apresenta as conclusões gerais deste trabalho, e em seguida as recomendações de estudo na segunda.

5.1 Conclusões

Para a realização deste trabalho foi preciso, antes de tudo, vivenciar e ver com os próprios olhos algumas dicotomias inerentes à prática do turismo. Em especial, quando se viaja para países pouco desenvolvidos, com problemas sociais muito mais graves que os brasileiros – que não são poucos – acaba-se percebendo que algo de certo, está errado.

Em experiência no Marrocos, pude ver como um país de tão belos cenários, e com um povo tão acolhedor, e que devido a sua posição geográfica sempre esteve em contato com os mais variados povos no passado, hoje em dia, grande parte de sua população vivem a mercê de ‘esmolas turísticas’. Encenando nas grandes cidades tradicionais costumes árabes, que há tempo tornaram-se mercadorias a serem vendidas. Nos desertos a representação é semelhante: camelos, visitas aos ‘nômades’, e tendas sob o luar, ao lado da fogueira, no ritmo do bongô africano.

Como um amante e um entusiasta das viagens, ao mesmo tempo em que gostaria de ver o mundo utópico, onde reina a igualdade. E que os indivíduos possam desfrutar assim, dos prazeres da vida. Surge a ideia de investigar as especificidades desta atividade a fim que se possa contribuir para este andamento.

Então, ao pesquisar a bibliografia sobre a temática, pode-se perceber a dificuldade de se conciliar os dois lados da moeda. Uma vez que parece sempre pender para um lado, o do capital. Que na ânsia de se auferir ganhos elevados, pouco importa se no local do

empreendimento habitam uma grande diversidade de animais e plantas, os impactos que serão causados a estes, porque após o investimento, virão os lucros.

Mas, por outro lado, é bom perceber cada vez mais que certos princípios são invendáveis. Como a sociedade se une de tal forma para defender aquilo que nos interessa. Inseridos hoje, na era virtual, nós não deixamos passar sem nos manifestar, sem compartilhar com amigos e desconhecidos do mundo, o que está sendo feito de errado. Exemplos não nos faltam, de petições *on-line*, de produção de vídeos e artigos, de disseminação de conhecimento em prol daquilo que acreditamos.

Sem o intuito de ser utópico, mas, querer caminhar para um mundo que não seja autodestrutivo, sobretudo no turismo, que podemos reverter este processo autofágico.

5.2 Recomendações de estudo

Analisando a bibliografia encontrada que discute as concepções teóricas do turismo, pode-se constatar que uma grande quantidade de publicações apresentam uma abordagem semelhante. E que falta haver uma maior interação entre as diversas áreas das ciências humanas para que juntamente, possam construir ideias multidisciplinares que se reforcem mutuamente.

É preciso também que haja uma maior participação de cientistas políticos, na análise do turismo. Podendo assim, proporcionar uma compreensão mais completa do impacto humano do turismo sobre as áreas de destino, integrando-se assim, aos especialistas de outras áreas que podem ser aplicadas no turismo.

Por fim, maiores estudos sobre os efeitos sofridos pelas comunidades receptoras do em turismo, principalmente da área de economia e psicologia. A qual grande parte das publicações daqueles, são para lá de economicistas, tratando-a como mais uma simples indústria, que o cerne da questão são fatores como oferta e demanda, elasticidade, e outros fatores fundamentais na visão dos neoclássicos. Já para os aspectos psicossociais é também importante uma análise substancial de seus efeitos para os autóctones.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Licínio. **Economia e política do turismo**. Alfragide: McGRAW-HILL de Portugal, 1997.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FURTADO, Celso. **O mito do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

KRIPPENDORF, Jost. **A Sociologia do Turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

LAGE, Beatriz; MILONE, Paulo C. **Economia do turismo**. Campinas: Papyrus, 1991.

MAZARO, Rosana S. Desde la quimera a la realidad: haciendo operativa la sustentabilidad estratégica en destinos turísticos. **Turismo em Análise**. São Paulo, v.20, n.3, 2009. Disponível em: <<http://www.turismoemanalise.org.br>>. Acessado em: julho de 2011.

MINISTÉRIO DO TURISMO. Anuário estatístico 2011 – ano base 2010. Disponível em: <<http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/anuario/>>. Acessado em: outubro de 2011.

NASCIMENTO, Alan F; SOARES, Luis Augusto S. O dilema turístico. **Caderno Virtual de Turismo**. São Paulo, v.6, n.4, 2006. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br>>. Acessado em: junho de 2011.

NETTO, Alexandre P; CALCIOLARI, Guilherme F. Quanto são os livros publicados no Brasil: Uma análise da produção bibliográfica nacional (1990-2010). **Turismo em Análise**. São Paulo, v.21, n.3, 2010. Disponível em: <<http://www.turismoemanalise.org.br>>. Acessado em: julho de 2011

REJOWSKI, Mirian. A produção científica em turismo: análise de estudos referenciais no exterior e no Brasil. **Turismo em Análise**. São Paulo, v.21, n.2, 2010. Disponível em: <<http://www.turismoemanalise.org.br>>. Acessado em: julho de 2011.

OLIVEIRA, Anelise M. Ensaios teóricos: o significado da cultura para o turismo com base local. **Caderno Virtual de Turismo**. São Paulo, v.6, n.4, 2006. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br>> Acessado em: junho de 2011

OURIQUES, Helton Ricardo. **A produção do turismo: fetichismo e dependência**. Campinas: Alínea, 2005.

_____. **Turismo em Florianópolis: uma crítica à indústria pós-moderna**. Florianópolis: Editora Da UFSC, 1998.

_____. Turismo, meio ambiente e trabalho em Florianópolis – SC. **Caderno Virtual de Turismo**. Florianópolis, v.7, n.2, 2007. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br>>. Acessado em: agosto 2011.

UNITED NATION WORLD TOURISM ORGANIZATION. Disponível em: <unwto.org>. Acessado em: agosto de 2011.

RODRIGUES, Arlete Moysés. Turismo e sustentabilidade. **Revista Geografia – UFMS**. Campo Grande, jan/jun, 1999.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e planejamento sustentável**. Campinas: Papirus, 1997.

TAKASAGO, Milene; MOLLO, Maria L. A economia do turismo e a redução da pobreza e da desigualdade no Brasil: o papel do Estado. **Turismo em Análise**. São Paulo, v.19, n2, 2009. Disponível em: <<http://www.turismoemanalise.org.br>>. Acessado em: julho de 2011.

THEOBALD, William F. (Org.). **Turismo Global**. São Paulo: Senac, 2001. 510p.

XAVIER Adriana C. O papel social do turismo. **Caderno Virtual de Turismo**. São Paulo, v.6, n.1, 2006. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br>> Acessado em: junho de 2011.